

ECONOMIA / Especialistas ressaltam que a doença traz problemas para os lojistas, que ficam desfalcados de funcionários. Fecomércio-DF pede união entre empresários, serviço público e população para combater o mosquito

Comércio sente efeitos da dengue

» ARTHUR DE SOUZA

O avanço da dengue no Distrito Federal preocupa o comércio. Especialistas e empresários do setor ouvidos pelo **Correio** apontam prejuízos, não só na saúde dos funcionários, mas financeiros, por causa dos atestados que levam a desfalques nas equipes e fazem com que os lucros caiam.

Economista e professor de mercado financeiro da Universidade de Brasília (UnB), César Bergo afirma que a epidemia causada pelo *Aedes aegypti* atinge, de forma diversa e decisiva, tanto os ganhos do setor público como (e principalmente) os do privado. “No âmbito público, há um aumento dos gastos com o serviço médico, sobretudo, em razão da sobrecarga no atendimento nas unidades de saúde e com medidas urgentes no campo sanitário”, avalia.

“Já o privado é afetado fortemente em função dos afastamentos do trabalho e da queda de produtividade dos empregados. Em média, cada trabalhador contaminado pela dengue fica afastado por, no mínimo, seis dias”, acrescenta o especialista. Para ele, as consequências são imprevisíveis na área comercial. “Isso porque, além dos custos indiretos, também há uma queda no consumo das famílias com efeitos, também, nas atividades do segmento de serviços”, aponta.

Prejuízos

A empresária Luana Pessoa, 35 anos, teve perdas por causa da doença. Dona de uma livraria com cafeteria, na Asa Norte, ela conta que, na última semana, o funcionamento do café foi interrompido. “Somos um negócio pequeno e temos apenas um barista que, infelizmente, teve dengue. Ele estava com os sintomas desde domingo e, na terça, testou positivo”, comenta.

Pelo fato de a empresa ser pequena e contar somente com

Ed Alves/CB/D.A Press



Empresários relatam que, com a substituição de funcionários infectados pelo mosquito *Aedes aegypti*, custos aumentam e o lucro diminui

Marcello Casal Jr/Agência Brasil



Comércio do Distrito Federal está preocupado com os impactos do avanço da epidemia de dengue no DF

cinco funcionários, a baixa afetou diretamente a loja. “Não temos substitutos para esses colaboradores e, com a interrupção da cafeteria, o movimento diminuiu significativamente porque

os clientes querem consumir nos dois ambientes, café e livraria”, lamenta Luana. “Estamos cuidando sempre das plantas que temos, para não deixar água acumulada, e disponibilizando

repelente para os funcionários”, acrescenta a empresária a respeito de medidas para evitar males maiores a seu negócio.

Dono de uma empresa de carros por aplicativo no Gama,

Manassés da Silva Borges, 47, também teve problemas com o *Aedes aegypti*. “Primeiro foi uma funcionária que ficou muito debilitada com a dengue. Logo em seguida, uma outra também apresentou os sintomas. Por fim, mais uma teve dengue hemorrágica”, detalha. “Foi muito difícil, até pelo lado financeiro, porque, quando uma funcionária fica de atestado, a gente precisa correr para arrumar substituta. Por isso, acabei entrando em dívidas”, lamenta.

Ele disse que suas assistentes estão se recuperando e retornando aos poucos para o trabalho. “Creio que coisas melhores virão”, acredita. Mesmo assim, Borges ainda se preocupa. “O problema é que, com a situação, da forma que está, a gente fica preocupado com os outros funcionários”, desabafa. “Passei a disponibilizar repelente para todos e também estou utilizando dispositivo elétrico, para evitar que



São muitos atestados e as empresas também acabam prejudicadas"

José Aparecido Freire, presidente da Fecomércio-DF



Além dos custos indiretos, também há uma queda no consumo das famílias",

César Bergo, economista e professor da UnB

mosquitos fiquem no ambiente de trabalho”, afirma.

União

Presidente da Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Distrito Federal (Fecomércio-DF), José Aparecido Freire ressalta que os atestados têm afetado bastante o comércio. “São muitos e as empresas também acabam prejudicadas. A Fecomércio está muito preocupada com essa situação”, observa.

Para ele, a preocupação é maior ainda, devido ao pico da doença estar longe de chegar. “Teoricamente, a dengue avança muito entre o final de fevereiro e o início de março. O que temos de fazer é juntar empresários, serviço público e população, ajudando uns aos outros, para que possamos superar esses casos de dengue e voltar à normalidade o mais rápido possível”, aponta Freire.

CARNAVAL

Foto: LUIS TAJES



Blocos Rivotrio e Filhas da Mãe: Na imagem Natália Duarte e o pai Ítalo



Simone Lima e sua mãe Vilneyde Lima: diversão garantida



Marcos Santiago desfilou de Homem-Aranha

Folia e saúde mental no Eixão

» PEDRO IBARRA

O carnaval é uma festa, mas pode sempre tratar de assuntos sérios e trazer discussões pertinentes. É nesta toada que o bloco Rivotrio vem, desde 2011, juntando uma multidão na Asa Norte. O bloco usa do carnaval para levantar discussões sobre saúde mental e une os mais diversos coletivos que atuam nessas pautas para brincar na rua no pós carnaval brasileiro. Ontem, aproximadamente 5 mil pessoas foram da 205 Norte para o Eixão, até a altura da 108 Norte, misturando canções, assuntos relevantes e muito glitter.

O bloco surgiu de uma ideia de amigos que trabalhavam com pacientes que lidam com questões de saúde mental. No começo eram apenas 20 pessoas. Cantando marchinhas pela rua, 13 anos depois já chegam à casa de milhares que lotam o caminho por onde passam. “Fomos vendo mais gente querendo falar sobre saúde mental,

e resolvemos destacar esse tema por meio de estandartes, adereços e marchinhas”, afirma Thiago Petra, organizador do evento. Para ele, essa é a chance falar sobre o assunto de forma mais descontraída e, ainda assim, importante. “Em vez de ser apenas uma militância acadêmica, nós quisemos mostrar isso por meio da folia também”, completa.

Outros blocos se interessaram pela proposta e turbinaram o Rivotrio. “É um bloco cheio de alas, mas alas de carnaval e não alas psiquiátricas”, brinca o organizador. Um desses blocos adjacentes é o Filhas da Mãe, parte de um coletivo de mesmo nome focado em “cuidar de quem cuida”, que começou no carnaval em 2020. “Nós somos cuidadoras familiares de pessoas com demência, entre elas

o Alzheimer, e essas trabalhadoras, majoritariamente mulheres, estavam adoecendo por causa da carga de trabalho dupla”, afirma Cosette Castro, psicanalista e organizadora. “O bloco é um lugar para brincar e extravasar, para sair um pouco desta lógica”, complementa.

O espaço se tornou um lugar seguro para que essas cuidadoras familiares tivessem a oportunidade de curtir a folia. “Pode trazer o pai ou a mãe? Pode! Pode vir sozinha? Pode! A ideia é o encontro, brincar, incluir e ter direito a estar na cidade. Enquanto as pessoas, de forma lúdica, têm informações de doenças tão delicadas como a demência”, diz Cosette. Folia assídua do Filhas da Mãe, a professora da UnB Natália Duarte levou o pai Ítalo Duarte, que tem



O bloco reuniu foliões e coletivos preocupados com a saúde mental e demência, sempre com alegria

demência. “Não perdemos uma, o carnaval inclusivo, intrageracional é motivo de saúde mental. Estamos aqui compactuando da alegria e desse momento de compartilhar”, ressalta Natália. Simone Lima, também professora da UnB, mora fora de Brasília quando o bloco saiu pela primeira vez. Porém, teve de voltar para Brasília para cuidar da mãe Vilneyde Lima, e o coletivo

Filhas da Mãe a apoiou neste processo. Por isso, se tornou foliã, levando a mãe para a festa. “Minha mãe sempre gostou de carnaval e esse lugar é acessível, tem a possibilidade para os idosos ficarem mais quietinhos. É a oportunidade de eu compartilhar um bom momento com ela, em um lugar que é inclusivo e cuidadoso”, comemora. Porém, nem todos os presentes

faziam parte exclusivamente dos discursos evocados pelo grupo. O roteirista Marcos Santiago, por exemplo, queria apenas curtir um bloco de carnaval no domingo. Trajado de Homem-Aranha, ele fez um bom resumo do que é o Rivotrio. “A gente tem que ser inteno em tudo. O carnaval é extravagante e feliz, mas temos que desafogar as ideias sem perder o ideal”, analisa.

